

“Residência oficial” em Brasília

Vivendo exclusivamente da música no início da década de 1970, Peixoto Primo se desdobrava entre o Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro até dezembro de 1972, quando atendeu a um chamado de Brasília: se apresentar na festa do 67º aniversário do ditador Emílio Médici, nascido em Bagé/RS. Os elogios levaram o porto-alegrense Marcus Vinicius Pratini de Moraes, então ministro da Indústria e Comércio, a oferecer um cargo de assessor para que o amigo fincasse âncora na capital federal, aos 39 anos. Convite aceito, logo se tornou figura onipresente em eventos oficiais e particulares da elite local.

O fato de a ditadura atingir seu período mais crítico naqueles tempos jamais constrangeu um músico pragmático, bonachão, focado em seu trabalho e alheio a questões políticas. Pelo contrário. Radicado na cidade até o final da vida, sempre fez questão de ostentar no currículo as homenagens e condecorações recebidas do regime militar – o mais próximo que chegaria do ativismo seria como vice-presidente da Ordem dos Músicos do Brasil (OMB), nas décadas de 1980 e 1990. Também não escondia certo grau de deslumbramento com sua intimidade aos círculos do poder.

Entrevistado em 1997 no talk-show televisivo *Jô Soares Onze e Meia*, no SBT, lembrou uma festa promovida pelo então ditador João Figueiredo em homenagem ao colega norte-americano Ronald Reagan, na Granja do Torto, em 1983: “Quando toquei *As Time Goes By*, do filme Casablanca, ele se levantou e foi até o microfone. Cantou pessimamente...”. Aquele único encontro, aliás, foi suficiente para Primo incluir dali em diante em seu currículo profissional o item “amigo pessoal do presidente Ronald Reagan”.

Outro lance insólito foi compartilhado na época com o apresentador Lauro Quadros no programa *Estúdio 36*, do canal gaúcho TVCOM (1995-2015). Na lembrança, uma recepção em São Paulo à rainha Sílvia da Suécia, de infância passada naquele Estado, onde nasceu sua mãe. “Ela gostou tanto da minha interpretação da *Rapsódia Sueca* que beijou minha mão. Uns três dias depois, chegando ao Instituto do Coração [Incor] para um cateterismo, acabei reencontrando a rainha, que estava lá para a inauguração de uma nova ala e me reconheceu, perguntando o que eu fazia por ali. Expliquei que era uma dorzinha no coração”.



Primo chegou a Brasília em 1972 e logo fincou âncora na capital federal

Ao pé do ouvido

Nenhum aperto de mão ou afago de governante, monarca ou outra celebridade renderia para Peixoto Primo tanto assunto, porém, quanto um incidente palaciano do qual involuntariamente fez parte, na madrugada de 30 de setembro de 1990, um domingo. Contratado para a festa de 37 anos da então ministra da Economia, Zélia Cardoso de Melo, o pianista distribuía melodias e sorrisos quando ela se aproximou, ao pé do ouvido: “Toque *Besame Mucho*”. Pedido prontamente atendido, o bolero composto em 1940 pela mexicana Consuelo Velázquez embalou uma dança de rosto colado entre a aniversariante, solteira, e o titular da pasta da Justiça, Bernardo Cabral, casado.

Alvo de cochichos nos bastidores de Brasília, o *affair* entre os colegas de primeiro escalão rapidamente invadiu o noticiário, acentuando o desgaste pelo qual já vinham passando seus protagonistas – ele acumulava tropeços na articulação política do presidente Fernando Collor, enquanto ela amargava a antipatia popular como um das cabeças do plano

de estabilização econômica que incluía o confisco temporário de 80% dos valores depositados nas contas-correntes e cadernetas de poupança de milhões de brasileiros. Cabral acabou deixando o cargo duas semanas depois. Zélia ainda duraria oito meses no cargo.

O costumeiro distanciamento a respeito de temas políticos não impediu Primo de tirar sarro do assunto, pelo resto da vida. “Derrubei dois ministros com uma música”, costumava se van-

gloriar. Esse espírito divertido é confirmado pelo ex-baterista Gabriel Krause, parceiro de trabalho nas noites porto-alegrenses de 60 anos atrás: “Era um humor e camaradagem fantásticos! Certa vez, o pianista Nicolau Kersting prometeu quebrar a cara dele, por causa de desacerto sobre uma evento no Círculo Social Israelita. Todo mundo temeu o pior quando se reencontraram, mas bastaram cinco minutos de conversa no bar do clube para os dois saírem às gargalhadas, abraçados”.

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC



Registro do pianista em 1992, durante uma de suas passagens em Porto Alegre

Discografia Seleccionada

Peixoto Primo lançou cerca de 20 álbuns ao longo de 44 anos, dentre LPs, compactos e CDs por gravadoras de renome, selos menores ou sob esquema autofinanciado. Isso sem contar as participações – nem sempre creditadas – como pianista no acompanhamento de performances de colegas. Alguns de seus títulos da década de 1960 estão disponíveis nas plataformas digitais e continuam a atrair colecionadores, sobretudo estrangeiros, que chegam a pagar o equivalente a R\$ 700,00 por um exemplar em bom estado de *Sambossa*, por exemplo.

O pesquisador musical gaúcho Diego Rosa faz uma breve resenha da discografia: “São registros de um músico bastante técnico e versátil, transitando por diferentes estilos. A meu ver, o ápice de sua discografia está no período em que gravou para a Musidisc, especialmente nos dois *long-plays* em formação mais simples, como trio. Tocando clássicos da bossa-nova e samba-jazz, o piano se destaca e podemos perceber toda sua maestria”.

- ▶ 1957 **Seleção Dançante** (Rosenblit)
- ▶ 1962 **Apresentando o Conjunto Flamingo** (Audio-fidelity)
- ▶ 1964 **Primo Trio** (Musidisc)
- ▶ 1965 **Sambossa** (Musidisc)
- ▶ 1966 **Primo Pinta o Sete** (Musidisc)
- ▶ 1968 **Bailando Bossa Nova En El Camichin** (RVV/México)
- ▶ 1969 **Um Homem e Uma Mulher** (Equipe)
- ▶ 1969 **Vai Láááá Que Tem!** (Equipe)
- ▶ 1975 **Som Ambiente - Vol. 2** (Cid)
- ▶ 1984 **Piano Espetacular - Vol. 3** (Cid)
- ▶ 1992 **Magic Piano - Vol. 9** (Cid)
- ▶ 2000 **Primo 3 de Brasília** (independente)

* **Marcello Campos** é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoi-tealegre@gmail.com.

